

## **A dinâmica de trabalho em ambientes de *coworking*: estudo multicaso em empresas do município de São Paulo**

### **The dynamics working in coworking environments: a multiple case study at São Paulo's companies.**

Gustavo Marcos Vinagre; Andréa Regina Martins Fontes  
gustavo.vinagre11@gmail.com; afontes@ufscar.br

#### **Resumo**

Os *coworkings* são caracterizados por serem espaços de trabalho flexíveis, inovadores, colaborativos e de baixo custo, atraindo, em sua maioria, *startups*, trabalhadores autônomos e empreendedores. Esse ambiente é constituído por profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, favorecendo assim a interação social e construção de redes de contato nesse espaço. O objetivo desse estudo é analisar as dinâmicas de trabalho presentes em ambientes de *coworking*, ou seja, analisar a maneira como os trabalhadores executam suas tarefas fora de um ambiente controlado e com cultura estabelecida. O método de pesquisa adotado foi o de estudo multicase, no qual seis *coworkers* de seis *coworkings* distintos, localizados na cidade de São Paulo (Brasil), foram selecionados para a aplicação das entrevistas. Durante as entrevistas foi comprovado o alto índice de *networking* e de interação social presentes nos *coworkings*, sendo considerados características centrais desses espaços. A ambientação dos *coworkings* ganhou destaque como diferencial positivo e elemento motivador. A colaboração, a grande quantidade de eventos e o baixo custo também foram citados como vantagens desses espaços. Em relação aos serviços mais utilizados, a reserva das salas de reunião ficou no topo. Entre as desvantagens, foram citados o barulho, a questão de privacidade e a falta de segurança em relação a furtos. Foi possível concluir que a ideia de que esses espaços de trabalho são sinônimo de falta de profissionalismo vem sendo desmistificada, ainda mais com o avanço da pandemia de COVID-19 que, de certa forma, acabou por normalizar o trabalho remoto. O número de *coworkings* vem aumentando em São Paulo nos últimos anos e acredita-se que esse crescimento possa gerar, no médio prazo, uma reformulação na lógica econômica da cidade, tornando-a mais descentralizada.

**Palavras-chave:** *Coworking*; Ambiente de trabalho; Consumo colaborativo; Rede de contatos; *Coworkers*.

## **Abstract**

Coworkings are characterized by being flexible, innovative, collaborative and low-cost workspaces, attracting mostly startups, freelancers and entrepreneurs. This environment is made up of professionals from the most diverse areas of knowledge, thus favoring social interaction and building networks in this space. The objective of this study is to analyze the work dynamics present in coworking environments, that is, to analyze the way workers perform their tasks outside a controlled environment with established culture. The research method adopted was the multiple cases study, in which six coworkers from six different coworkings, located in the city of São Paulo (Brazil), were selected to apply the interviews. During the interviews, the high rate of networking and social interaction present in the coworkings was proven, being considered central characteristics of these spaces. The environment of the coworkings was highlighted as a positive differential and motivating element. The collaboration, the large number of events and the low cost were also cited as advantages of these spaces. Regarding the most used services, the reservation of the meeting rooms was at the top; and among the disadvantages, noise, privacy issues and lack of security in relation to theft were mentioned. We could notice that the idea that these workspaces are synonymous with a lack of professionalism has been demystified, even more with the advance of the COVID-19 pandemic which, in a way, ended up normalizing the remote work. The number of coworkings has been increasing in São Paulo in past few years and it is believed that this growth may generate, in the medium term, a reformulation in the economic logic of the city, making it more decentralized.

**Keywords:** Coworking; Work environment; Collaborative consumption; Network; Coworkers.

## **1. Introdução**

O trabalho é o engajamento da personalidade para responder as tarefas demandadas (DEJOURS, 2004). No ato de trabalhar o indivíduo é transformado pelo ambiente na ação do seu trabalho, assim como o ambiente é forjado pelo indivíduo (FERREIRA, 2002). Dessa forma, podemos dizer que as estruturas e as relações de trabalho influenciam diretamente a sociedade.

O trabalho se modifica continuamente ao longo do tempo, seja de forma sutil ou mesmo de maneira drástica como observado durante o período da Primeira Revolução Industrial, que ocorreu no início do século XVIII (ENGELS, 2008). De acordo com Engels, o trabalho que

antes se baseava no âmbito rural e familiar migra para as regiões onde as fábricas estavam sendo construídas, formando assim os centros urbanos e trazendo para os trabalhadores uma forte característica de impessoalidade no trabalho.

É nesse cenário que surge o capitalismo, sendo este o sistema econômico e social vigente em grande parte dos países até os dias atuais. O capitalismo tomou diferentes formas ao longo dos anos e teve sua principal reestruturação no final do século XX, devido ao grande avanço tecnológico ocorrido na época e ao advento da globalização (COUTINHO, 2016).

Esse período de grandes descobertas na área das tecnologias e da informática ficou conhecido como a Era da Informação, e traz consigo grandes transformações tanto em questões sociais, quanto no âmbito do trabalho (CASTELLS, 1999). Dentro das empresas, o avanço tecnológico se refletiu primeiramente nos processos e nos equipamentos. No entanto, logo passou a modificar as dinâmicas e relações de trabalho através da introdução do conceito de trabalho flexível, uma vez que a internet passou a permitir a realização de atividades laborais independentemente do local onde o trabalhador esteja. Também ganhou espaço nesse contexto a informalização, aumentando significativamente o número de trabalhadores terceirizados, teletrabalhadores e dos trabalhadores em tempo parcial (CASTELLS, 1999).

As novas tecnologias trouxeram uma enorme contribuição para a sociedade em geral, possibilitando atividades que antes eram consideradas impossíveis e facilitando a realização de outras, contudo, essas novas tecnologias também acabaram por ampliar uma característica intrínseca ao capitalismo, a competitividade. A enorme competição presente no mercado de trabalho, somada à pressão por resultados e à incansável busca por realização pessoal através do trabalho, fazem com que parte dos trabalhadores se deparem com a solidão dentro do ambiente de trabalho (SIQUEIRA; DIAS; MEDEIROS, 2019), onde, mesmo fazendo parte de uma equipe, o trabalhador se enxerga sozinho, e visualiza no seu colega de trabalho um rival ao invés de um parceiro. Bauman (2011) cita a insegurança, a desconfiança sobre o outro e a progressão individualista como fatores presentes na dinâmica dos grandes centros urbanos nas últimas décadas.

Além da intensificação da competitividade e do crescimento do trabalho flexível, esse período também é marcado por uma nova geração de pessoas que cresceram dentro desse contexto digital e por isso são, em sua maioria, bastante familiarizadas com dispositivos móveis e comunicação em tempo real. A chamada geração Y é a primeira geração globalizada e traz consigo muitos valores distintos das gerações anteriores, e isso se reflete também no trabalho

(COMAZZETTO et al., 2016). O forte espírito criativo e inovador, aliado ao costume de terem tudo muito rápido, faz com que muitos trabalhadores dessa geração não se sintam representados nas estruturas fechadas e burocráticas que dominavam o cenário do trabalho, e optem pelo empreendedorismo ou mesmo pelo trabalho autônomo. Spinuzzi (2012) cita tal mudança no perfil dos trabalhadores enfatizando a crescente preocupação em se ter uma maior formação acadêmica, no intuito de atender a forte exigência por qualificação imposta pelo mercado de trabalho, assim como o fato de estarem mais propensos a se arriscar como empreendedores.

Essas mudanças sociais resultaram em um grupo grande de trabalhadores que, insatisfeitos com os tradicionais ambientes de trabalho, passaram a procurar novos lugares onde pudessem desenvolver o seu trabalho, sendo que duas alternativas se destacaram nesse meio: o trabalho sendo desenvolvido em cafeterias, devido a fatores de conectividade e acesso, e o *home office*, muito devido à comodidade de se trabalhar em sua própria casa. Apesar de ambos os locais se apresentarem como solução em um primeiro momento, notou-se que a utilização deles para o trabalho resultava na falta de interações sociais, e conseqüentemente no isolamento do trabalhador. A mudança do contato face a face pelo contato por meio de telas, acarreta na perda de profundidade e intimidade nos laços humanos (BAUMAN, 2011).

Cresce então a demanda por locais de trabalho que fossem inovadores, agradáveis e colaborativos, e é diante desse cenário que surgem os primeiros espaços de *coworking*. Lumley (2014) apresenta os espaços de *coworking* como comunidades de trabalho, onde empreendedores, *freelancers* e *startups* tem a possibilidade de se juntarem para assim desenvolverem seus trabalhos de maneira independente ou colaborativa, como preferirem.

O *coworking* surge tendo uma forte ligação com o consumo colaborativo e Maurer et. al. (2015) enxergam nesse tipo de consumo características anteriores ao sistema capitalista, o qual passa a dar demasiado valor à posse de mercadorias. Para as autoras, o consumo colaborativo tem como objetivo criar economias de custo e promover o encontro de pessoas, seja por consciência socioambiental, seja por conveniência.

Capdevila (2015) destaca também o fator econômico no crescimento da demanda por ambientes de *coworking*, visto que o compartilhamento do espaço e de recursos resulta em uma significativa redução dos custos. O autor cita a crise internacional ocorrida em 2008 como um fator de relevância no aumento das buscas por espaços de *coworking* em Barcelona. O censo *coworking* Brasil de 2018 apresenta conclusões semelhantes à essa, visto que o aumento exponencial do número de espaços de *coworking* no Brasil, que se inicia entre os anos de 2015

e 2017 (crescimento na faixa de 240%), coincide com um período de baixo crescimento econômico e altas taxas de desemprego. O mesmo censo coloca a cidade de São Paulo como a principal referência nacional quando se trata de ambientes de *coworking*; a cidade paulista concentrava, no ano de 2018, 273 espaços de *coworking*, o que representa mais que o dobro da segunda colocada, a cidade do Rio de Janeiro com 102 espaços desse tipo.

A pandemia de COVID-19 vivida em escala global no ano de 2020 também teve seus reflexos nas formas de trabalho. Devido ao alto nível de transmissibilidade do vírus, foi preciso adotar o isolamento social em diversas regiões do mundo e muitas empresas tiveram de se adaptar ao trabalho remoto. Muitos trabalhadores que nunca haviam experimentado o trabalho a distância, tiveram que se habituar com o *home office*. Além disso, a pandemia também trouxe uma forte instabilidade econômica, uma vez que diversos empreendimentos foram obrigados a fecharem as portas.

Pandemia a parte, o *coworking* se mostra como uma tendência mundial, tendo um forte crescimento em um curto período (SPINUZZI, 2012), entretanto, as pesquisas envolvendo o tema não acompanham esse crescimento, sendo ainda bastante limitadas, principalmente dentro do cenário nacional. Diante desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo levantar vantagens e limitações dos ambientes de *coworking* a partir da análise de um estudo de caso no qual será captada a percepção do trabalhador quanto à sua forma de desenvolver atividades fora de um ambiente controlado e de cultura estabelecida.

## **2. Revisão teórica**

### **2.1. Caracterização**

Ao contrário do que muitos pensam, o *coworking* não se trata apenas do ambiente; sua temática vai muito além disso, caracterizando-se como um local onde os trabalhadores podem interagir com as mais variadas áreas do conhecimento e assim criar novas redes de contato (SPINUZZI, 2012).

Segundo Lumley (2014), a atmosfera de interação e a flexibilidade presentes nesses ambientes estimulam um maior contato durante os processos de decisão assim como constantes trocas que não se restringem apenas ao trabalho em si, promovendo, dessa forma, o crescimento pessoal e profissional do trabalhador.

Os benefícios do *coworking* ultrapassam as vantagens físicas do ambiente, tendo na interação social e no sentimento de comunidade um grande atrativo para os trabalhadores. O ambiente compartilhado auxilia no estreitamento das relações profissionais, fazendo com que o *networking* entre os membros flua de maneira natural. Segundo Moriset (2013), os bons resultados obtidos no *coworking* não estão ligados apenas à estrutura física e à praticidade desses ambientes, mas também às pessoas que lá trabalham e aos objetivos traçados de forma coletiva. Seguindo essa linha, Capdevila (2015) cita duas características presentes nos ambientes de *coworking* que facilitam o *networking*: abertura e proximidade. A abertura, já que os *coworkers* (trabalhadores em um ambiente de *coworking*) tendem a ser bastante receptivos em relação a novos conhecimentos, e a proximidade, visto que essa característica facilita a interação de forma espontânea e também o surgimento de conversas informais.

De acordo com Lumley (2014), a rede de interações tem um grande valor nesses espaços de trabalho, dado que alimentam a produção criativa e inovadora. Moriset (2013) por sua vez, expõe que, ao integrar os conceitos de inovação e criatividade, o *coworking* contribui para que haja um crescimento econômico e sustentável.

O *coworking* pode então ser definido como uma modalidade de trabalho na qual profissionais das mais diversas áreas e com os mais diversos saberes convivem de forma integrada, partilhando do mesmo espaço e dos mesmos recursos. Capdevila (2014) estabelece espaço de *coworking* como o local em que profissionais autônomos trabalham compartilhando recursos e estão abertos a compartilhar também os seus conhecimentos.

A localização, a flexibilidade, a estrutura, as interações sociais, o baixo custo e o baixo compromisso financeiro, são citados por Spinuzzi (2012) como as principais vantagens dos ambientes compartilhados. Por outro lado, os principais problemas apresentados giram em torno das questões de gestão de espaço, baixa privacidade e risco de falta de proatividade dentro de um ambiente horizontal.

## **2.2. Histórico**

Esses espaços de trabalho surgem como uma alternativa ao *home office* e ao uso de cafeterias para a realização do trabalho, visto que esses ambientes apresentam dificuldades envolvendo o isolamento do trabalhador e a possibilidade de procrastinação, no caso do *home office*, e o excesso de ruídos e a fácil distração devido ao ambiente tumultuado, no caso das cafeterias (SPINUZZI, 2012). A problemática envolvendo o uso desses dois ambientes por trabalhadores autônomos vai além, pois torna mais difícil as suas principais formas de adquirir

clientes, que seriam por meio de recomendações e do marketing boca a boca, e também pelo fato de lhes faltar um local formal para receber os clientes, podendo aparentar dessa forma uma falta de profissionalismo.

O termo *coworking* surge no ano de 1999 cunhado pelo designer e teórico estadunidense Bernard Louis De Koven para descrever o trabalho colaborativo virtual, após desenvolver uma plataforma coordenada por computadores. A consolidação do termo como é compreendido atualmente só ocorreu 6 anos depois, quando o engenheiro de *softwares*, também estadunidense, Brad Neuberg o utilizou para descrever os espaços de trabalho compartilhado que desenvolveu na cidade de São Francisco (EUA). O projeto funcionava inicialmente dentro de um centro de saúde chamado Spiral Muse, contudo, devido às limitações do local, ele teve de ser reestruturado e acabou mudando de lugar, dando origem ao Hat Factory, que ficou conhecido como o primeiro ambiente de *coworking* no mundo (SPINUZZI, 2012).

Nessa época foram estabelecidos valores que até hoje sustentam a ideia de *coworking*, sendo eles: colaboração, comunidade, sustentabilidade, acessibilidade e transparência (SPINUZZI, 2012). O autor caracteriza o *coworking* como sendo um ambiente de trabalho complexo que comporta uma extensa variedade de atores, interesses e habilidades.

### **2.3. Atrativo Financeiro**

A questão financeira é essencial na sociedade capitalista, ainda mais considerando o cenário de alta na especulação imobiliária nos grandes centros urbanos. Por isso, a redução de custos se torna de suma importância para aquelas empresas que ainda estão iniciando as suas atividades, como é o caso das *startups* (CAPDEVILA, 2013). Essas empresas encontram nos ambientes de *coworking* diversos benefícios para começar os seus empreendimentos, sendo eles: uma menor preocupação com questões burocráticas envolvendo o espaço; a retenção do capital que seria investido no aluguel e manutenção de um escritório, podendo dessa maneira ser investido no próprio negócio; a possibilidade de rápida alocação de novos contratados dentro da estrutura, caso seja preciso; maior tranquilidade em relação aos riscos que envolvem um novo empreendimento, já que esse depende da resposta do mercado e, por isso, se torna arriscado o firmamento de contratos de longo prazo; maior visibilidade e contato com os clientes; e a disponibilidade de um local organizado e profissional para receber fornecedores e clientes. Nos *coworkings*, o ambiente e os custos referentes a ele são compartilhados, fazendo com que se obtenha um maior valor do que se obteria de maneira individual (MAURER et al., 2015).

Os espaços de *coworking* oferecem aos seus clientes uma vasta gama de serviços que os auxiliam no desenvolvimento dos seus negócios; esses serviços, geralmente, incluem internet rápida, recepcionista, sistema de telefonia, impressoras modernas e também serviços de conveniência. Tais serviços somam-se a uma estrutura física composta de diversos postos de trabalho individuais, salas de reunião e áreas de convivência. Capdevila (2015) comenta que o *coworking* é também um ambiente de aprendizado e traz outro diferencial presente nesses ambientes, sendo este a possibilidade de se ofertar *workshops* e palestras dos mais variados temas para os trabalhadores e para comunidade externa.

#### **2.4. Atrativo Social**

O consumo colaborativo é uma das principais características dos ambientes compartilhados, e segundo Maurer et al. (2015) a confiança é um valor considerado como pré-requisito para que se exista a colaboração e a cooperação. Spinuzzi (2012) também coloca a confiança como um valor essencial no *coworking*, pois, além de fortalecer os laços comunitários, ela também possibilita a criação de objetivos em comum. Apesar de a colaboração ser uma característica própria do *coworking*, ela se apresenta em diferentes níveis dependendo do local visitado. Diante disso, Spinuzzi (2012) analisou as características do ambiente e também os objetivos dos *coworkers*, e definiu a existência de três tipos distintos de *coworking*: espaços de trabalho comunitário, *unoffices* e espaços de trabalho federados.

Os espaços comunitários de trabalho configuram-se como espaços em que as pessoas podem trabalhar próximas, porém não é incentivado o trabalho de forma conjunta; o serviço remete apenas a oferta do espaço, com cada trabalhador possuindo funções e propósitos específicos (SPINUZZI, 2012). Os *unoffices* oferecem um ambiente flexível e de baixo custo para aqueles que trabalham de forma independente; nesses espaços é encorajada a interação entre seus membros, porém não se tem uma preocupação em se estabelecer uma comunidade. Já os espaços de trabalho federados buscam a todo momento incentivar o relacionamento profissional e pessoal entre os *coworkers*, com o intuito de se criar um ambiente onde a colaboração, a cooperação e o *networking* sejam centrais (SPINUZZI, 2012).

Dessa forma, Spinuzzi (2012) elenca três categorias de análise envolvendo o estudo dos espaços de *coworking*: a motivação, ou seja, as razões que levam a se optar por um ambiente como esse, tendo em vista os benefícios e os malefícios em relação às estruturas tradicionais de trabalho; a estrutura física do lugar, ou seja, o ambiente em si; e o nível de colaboração entre os *coworkers*.

Apesar de atrair, em sua maioria, *startups* e profissionais autônomos que visam principalmente ao lucro, Capdevila (2013) ressalva que os *coworkings* também podem ser voltados para a sociedade, atuando com o objetivo de promover a economia sustentável e de engajar a comunidade local na prática da cidadania. Os *coworkings* se apresentam por si só como uma modalidade de trabalho sustentável, uma vez que o compartilhamento do espaço e também dos materiais, resulta em uma imediata diminuição do consumo de energia e de recursos (CAPDEVILA, 2013).

### 3. Metodologia

A presente pesquisa pode ser classificada como exploratória e descritiva. A sua abordagem é qualitativa e a coleta de dados foi realizada mediante entrevistas com roteiro já pré-definido como pode ser observado no APÊNDICE A. A utilização de entrevistas visa captar as opiniões, as experiências, os interesses e as expectativas dos entrevistados perante determinado tema, sendo assim considerada uma importante técnica na pesquisa social (GIL, 1999).

O estudo de caso é um método de pesquisa que busca, através de um profundo estudo, responder questionamentos e trazer amplo conhecimento sobre um fenômeno específico, sobre o qual o pesquisador não tem total controle. O presente trabalho trata-se de um estudo multicase, que segundo Yin (2001), traz evidências mais convincentes em comparação ao estudo de caso único, demandando, por outro lado, uma maior exigência de tempo e de recursos.

As etapas que compõe essa pesquisa e seus respectivos procedimentos estão sintetizadas no quadro 1:

Quadro1: Etapas e procedimentos metodológicos da pesquisa.

Etapas	Procedimentos
1. Revisão teórica	Embasamento bibliográfico envolvendo os temas: <i>coworking</i> , trabalho flexível, estruturas de trabalho, avanço tecnológico e consumo colaborativo.
2. Elaboração do roteiro de entrevista	Desenvolvimento das perguntas que compõe a entrevista, alinhando-as com os objetivos de pesquisa (ver apêndice A)

3. Aplicação das entrevistas	Realização <i>online</i> das entrevistas com seis <i>coworkers</i> da cidade de São Paulo.
4. Análise dos dados coletados	Tratamento e apresentação das informações obtidas na fase anterior.
5. Conclusões	Cruzamento entre a literatura e os resultados apresentados de forma a gerar conclusões sólidas sobre o tema de pesquisa.

Fonte: Elaboração própria

A metodologia adotada neste trabalho teve início com a revisão teórica sobre o tema central e seus temas complementares. Essa revisão se desenvolveu em duas fases, sendo que a primeira tratava-se do levantamento e da leitura de diversas pesquisas acadêmicas que envolvessem essa temática, de forma a observar quais eram os autores mais citados nesses trabalhos. A segunda fase envolveu a seleção dos autores que serviriam como base para a revisão, e a leitura de suas respectivas obras, no intuito de se aprofundar no assunto.

A etapa seguinte à revisão bibliográfica, foi a de elaboração do roteiro de entrevista (apêndice A), que contempla cinco questões pessoais para identificação dos entrevistados e quatorze questões abertas sobre o tema de pesquisa. Essas perguntas foram desenvolvidas levando em conta as três categorias de análise abordadas por Spinuzzi (2012) (motivação, estrutura física e nível de colaboração), com o acréscimo de uma quarta categoria envolvendo o perfil do *coworker*. Tal separação em categorias visou facilitar a etapa de análise dos dados.

Após finalizar o roteiro de entrevista, passou-se para a fase de procura por entrevistados e aplicação das entrevistas; essa procura por entrevistados se deu, em um primeiro momento, a partir do contato direto com *coworkings* da cidade paulistana, porém este não se mostrou muito eficaz, resultando em apenas um entrevistado. Como forma alternativa na procura de entrevistados, o autor procurou indicações a partir da sua rede de contatos, chegando a mais cinco *coworkers* que aceitaram realizar a entrevista. Dessa forma, foram ao todo seis entrevistados, de seis *coworkings* diferentes.

Devido à pandemia de COVID-19, as entrevistas não puderam ser realizadas de forma presencial, sendo feitas, portanto, de forma *online* com o auxílio da ferramenta *Microsoft Teams*. Todas as entrevistas puderam ser gravadas, facilitando dessa forma a fase de análise dos dados.

#### 4. Resultados e Discussão

Conforme explicitado na seção de Metodologia, a coleta de dados para o estudo foi realizada a partir da entrevista de seis *coworkers* da cidade de São Paulo, sendo que estes são identificados nesse estudo como: entrevistado A; entrevistada B; entrevistada C; entrevistado D; entrevistada E; e entrevistado F. Os seis *coworkers* integram seis espaços distintos de *coworking* ao longo de São Paulo, abrangendo as regiões Oeste, Sul e Central da cidade. Assim como os entrevistados, os *coworkings* também são identificados a partir de letras (*coworking* A, *coworking* B, *coworking* C, *coworking* D, *coworking* E e *coworking* F).

A estrutura física dos *coworkings* presentes nesse estudo são bem distintas. As capacidades variam de 30 pessoas (*coworking* F) a 2.000 pessoas (*coworking* C), e a quantidade de salas de reunião variam de 2 salas a 24 salas.

Todos os seis *coworkings* possuem copa, áreas comuns e áreas de descanso em seus *layouts*. A entrevistada B descreve assim o espaço de descanso no *coworking* B: “tínhamos também uma área de decompressão, então tinha um videogame, tinham pufes, tinham sofás, que era onde o pessoal ia para ficar mais tranquilo mesmo”. O *coworking* C, devido à sua maior estrutura, apresenta ainda mais elementos em seu espaço, conforme expõe a entrevistada C: “existiam muitos espaços para você descansar, então tinham sofás com almofadas, tinham no chão várias almofadas, tinha rede, espaço com churrasqueira [...] tinha ping pong, tinha pebolim também”.

Sobre as copas, o entrevistado A destaca a autonomia de cada um dentro desses espaços: “nas empresas [tradicionais] geralmente tem uma copa, mas não tem muito material, utiliza-se o copo descartável mesmo. E lá [no *coworking*] não! Os copos e as xícaras ficavam disponíveis e você era responsável por lavar, por cuidar. Não era nada descartável”, enquanto o entrevistado D destaca a praticidade do local: “na copa você tinha café, tinha água saborizada; para o seu almoço você tinha geladeira, micro-ondas, prato, talher... Então era tudo muito prático”.

Outros dois ambientes com destaque nos relatos dos entrevistados são os espaços com chopeira, presentes em três *coworkings*, onde o consumo de chope é livre para os membros (a depender das regras de cada empresa); e as cabines telefônicas, mencionadas por cinco dos seis *coworkers*. “Você entrava, ligava seu computador e ficava você sozinho, falando ao telefone. Isso aí eu gostava bastante, porque eu falo muito alto e lá tem todo um isolamento sonoro, então

eu tinha mais privacidade e deixava de atrapalhar o resto do pessoal” declara o entrevistado A sobre as cabines telefônicas.

A internet dos seis *coworkings* é avaliada como “boa” ou “ótima” quanto à velocidade de conexão, evidenciando assim a importância que se dá para esse serviço dentro de ambientes de trabalho compartilhados.

A idade e a escolaridade dos entrevistados são semelhantes; todos são formados ou estão cursando o ensino superior, e as idades estão dentro de um intervalo pequeno, sendo o entrevistado mais novo de 23 anos de idade e o mais velho de 26 anos.

Os entrevistados A, B e C tem como área de trabalho o marketing e a comunicação; os entrevistados D e E atuam na área de gestão de comunidades; e o entrevistado F já trabalhou em *coworkings* como trabalhador autônomo, e atualmente é sócio em uma empresa de pequeno porte onde trabalha como gestor de projetos. Nota-se, dessa forma, que, apesar de serem áreas de trabalho distintas, todas trazem uma forte ligação com a questão da criatividade, o que acaba combinando com o design inovador e inspirador característico dos espaços de *coworking*. “Eu sinto que é um lugar mais aberto, mais diverso e mais inspirador do que outros escritórios comuns” menciona o entrevistado D.

Os entrevistados C e F também mencionam essa maior sensação de abertura dentro dos espaços de *coworking*: “O *coworking* é mais moderno, ele não tem divisão, sabe, é um lugar mais aberto” diz o entrevistado F. “É muito diferente de um escritório normal, é tudo muito aberto, parece uma sala de estar [...] tem muito livro, tem muita arte, sempre tem um quadro, alguma coisa assim, é bem legal” comenta a entrevistada C.

Cinco dos seis entrevistados relatam já terem atuado em ambientes tradicionais de trabalho. Com isso as repostas quanto às diferenças entre um espaço de *coworking* e outros ambientes de trabalho ganham maior credibilidade, saindo apenas do mundo das ideias e sendo avaliada por experiências de fato vividas. As respostas dos entrevistados estão sintetizadas no gráfico da figura 1 abaixo:

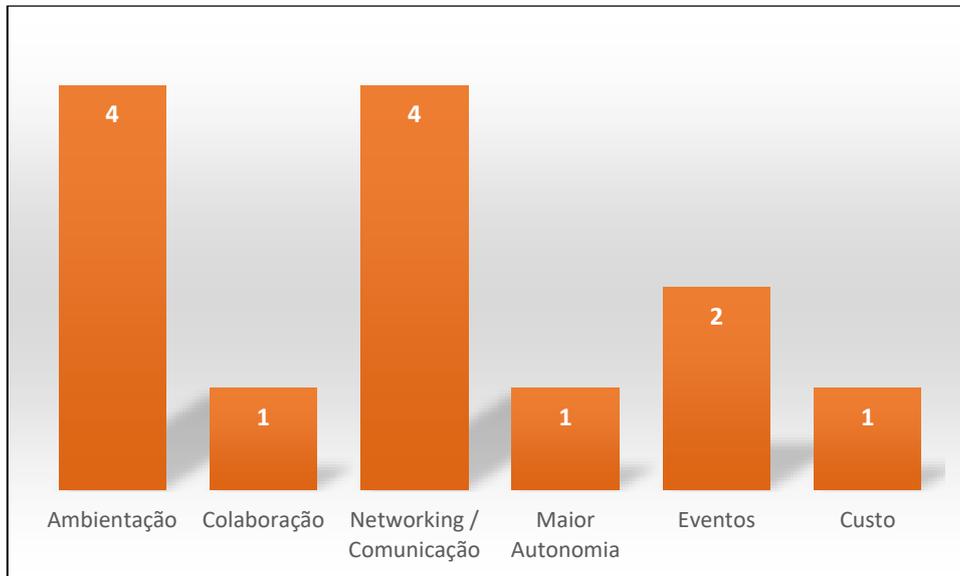


Figura 1: Gráfico com as principais diferenças entre os *coworkings* e os ambientes tradicionais de trabalho.  
 Fonte: Elaboração própria

Conforme pode ser observado na figura 1, as principais diferenças entre os ambientes tradicionais de trabalho e os *coworkings* giram em torno da própria ambientação do espaço e também da maior possibilidade em se realizar *networking*.

De acordo com o entrevistado A:

A principal diferença é o ambiente mesmo, ele é menos engessado [...] me lembra um shopping, assim sabe, então o pessoal ia trabalhar de boa, tinha cachorro as vezes por exemplo, um negócio que é meio que impensável de você trazer para um ambiente corporativo.

Ainda sobre a ambientação dos espaços de *coworking*, a entrevistada E traz também a questão da ergonomia como diferencial no ambiente: “[o *coworking*] é um lugar mais convidativo, é um lugar mais gostoso de você estar, porque além de bonito ele também tem toda a ergonomia”.

Com relação ao *networking*, em uma visão muito parecida com a de Spinuzzi (2012), duas características presentes nos espaços de *coworking* se mostram essenciais para o fomento dessa atividade, sendo elas a diversidade de áreas do conhecimento reunidas em um mesmo espaço e a proximidade entre os membros. “Você tem a vantagem de poder ter outras expertises lá dentro [do *coworking*]; isso é até a terceirização de mão de obra que você consegue colocar

lá, então isso é um diferencial [...] você faz muito mais conexões do que no espaço comum” informa o entrevistado F.

Segundo a entrevistada B:

É muito mais fácil a comunicação dentro de um espaço de *coworking* [...]. Eu falo isso, porque eu trabalhei também em uma empresa tradicional, [...] e eram tipo baias, você nem olhava a pessoa que trabalhava na sua frente. Então esse ponto da comunicação eu acho que é muito legal nos espaços de *coworking*; todo mundo conversa, porque você realmente está próximo da outra pessoa.

Quanto à dinâmica de trabalho, os entrevistados são unânimes em relatar que existe um espaço de trabalho próprio e que a pessoa pode organizar esse espaço da maneira que melhor deseje. O entrevistado A foi alocado em um *coworking* para trabalhar em equipe em um projeto de desenvolvimento de um novo produto, e utilizou dessa dinâmica de trabalho mais livre a seu favor: “a sala que tínhamos era bem diferente de uma sala normal [...] eram umas mesas e umas cadeiras que você podia arrastar, daí a gente tirava tudo e colava nossos materiais na parede [...]. Nós podíamos mudar o próprio layout da sala de acordo com a atividade”.

Apesar de existir esse espaço de trabalho próprio, os entrevistados alegam haver também a liberdade de se trabalhar em qualquer área comum do *coworking*, enfatizando assim a autonomia que os membros possuem dentro desses espaços. Essa liberdade fica clara na resposta em tom jocoso da entrevistada C: “nós temos uma sala da empresa, só que eu posso trabalhar de qualquer andar, em qualquer área comum, então eu não tenho a obrigação de estar no meu espaço, eu tenho total liberdade para trabalhar até no banheiro se eu quiser”.

Em relação aos materiais de trabalho, nota-se que os *coworkings* em sua maioria emprestam apenas o básico de material de escritório como caneta, papel e grampeador. Por isso mesmo, os entrevistados dizem utilizar o próprio material para a execução de suas tarefas, principalmente o *notebook*.

O *dress code* mais casual, comum nesses espaços de trabalho compartilhados, também é citado pelos entrevistados como um ponto positivo na dinâmica de trabalho do *coworking*: “outra coisa boa é que a vestimenta é muito livre; vai de chinelo, vai de shortinho... É bem livre mesmo” comenta a entrevistada C; “o pessoal costumava ir com roupa mais à vontade, mais descolado assim” observa o entrevistado A.

Palestras e *workshops*, citados por Capdevila (2015) como um diferencial dos espaços de *coworking*, são os mais lembrados quando se perguntou sobre os momentos marcantes vividos durante o período trabalhando em *coworking*. Esses eventos são organizados tanto pelo próprio *coworking*, quanto pelos membros, resultando assim em uma quantidade ampla de eventos dos mais diversos temas.

A entrevistada C relata que:

A quantidade de eventos e a possibilidade de *networking* ali [no *coworking*] é surreal, assim, vai para a estratosfera, juro para você. A ‘W’ [nome do *coworking* C] fazia muitos eventos, muitos eventos. Eu sozinha enquanto trabalhava lá, eu vi evento da 99, eu vi evento da Coca-Cola, eu vi evento da Domino's... eu vi muitos eventos, juro para você, que eu não veria em espaços normais.

Diverso também é o público desses eventos, pois a participação é livre para todos os membros, gerando assim diferentes visões sobre o mesmo tema, e agregando positivamente ao próprio evento, como fica evidente na fala da entrevistada C: “se outra empresa [que não a sua] fizer um evento, você pode ir, porque é um evento do *coworking*, para todo mundo. Era muito legal isso, porque daí tinham perguntas, tinham outras pessoas, e isso vai fazendo o conteúdo das coisas ficar muito melhor”.

As entrevistadas B e E mencionam o ambiente bonito e inovador como sendo a principal motivação em terem escolhido ambientes de *coworking* para trabalhar. “Eu sempre gostei muito de decoração e o lugar aqui [*coworking* E] é muito bonito, ele é muito ligado à arte, então meu interesse maior foi esse” declara a entrevistada E.

Os demais entrevistados contam que a motivação a princípio não partiu deles próprios, pois foi o caso de entrarem em empresas que já estavam inseridas em ambientes de *coworking* ou de serem alocados nesses ambientes pela própria empresa: “A ‘R’ [empresa da qual o entrevistado A é funcionário] optou por pegar um *coworking* muito por conta do projeto que eu tinha sido alocado [...] estávamos fazendo ele por metodologia ágil, então já tinha toda essa pegada em ser algo menos engessado e bem mais dinâmico” expõe o entrevistado A.

Apesar disso indicar, em um primeiro momento, que a procura genuína por *coworkings* ainda não é tão grande na cidade de São Paulo, os entrevistados demonstram terem gostado de trabalhar nesses espaços, o que traz, de certa forma, a expectativa de que no futuro eles possam

optar por *coworkings* de forma espontânea, como fica evidente nas falas da entrevistada B: “foi uma experiência super legal! Eu fiquei um ano lá e só saí porque eu ia fazer intercâmbio [...] eu sinto falta de trabalhar em um *coworking*, sabe? Ter essa diversidade de ideias, de pensamentos e de culturas também”, e do entrevistado F:

Eu cheguei lá [no *coworking*] no caso porque eu recebi um convite a participar, então a empresa já estava nesse layout, não foi uma opção minha, porém eu vi a importância de ter esse espaço para receber clientes, pois ainda há muito daquela questão de que quando o cliente vai conhecer [a empresa], ele quer ver um espaço; e também tem toda a questão do custo que é muito menor.

A ideia do *coworking* como instrumento de impacto social e ambiental divide a opinião dos entrevistados. Os entrevistados E e F dizem que apesar de sentir uma maior interação social dentro desses espaços, para eles isso não configura de fato um impacto social e muito menos ambiental. Os entrevistados A e C, por sua vez, enxergam possíveis ganhos nos âmbitos social e ambiental, porém em um estágio mais futuro onde o conceito de espaços compartilhados já esteja mais disseminado dentro da cidade: “eu acho que sim [existe impacto ambiental e social], mas isso também depende muito, tem que dar um espaço para o brasileiro se acostumar um pouco com a ideia” comenta a entrevistada C.

Já a entrevistada B menciona a localização e o compartilhamento de espaço e de recursos como sendo fatores de impacto ambiental: “geralmente os *coworkings* eles são bem localizados para ter o fácil acesso, então isso acaba gerando um impacto ambiental, porque se você tem acesso de transporte público, você acaba diminuindo pegada de carbono [...]. Além disso é um espaço muito bem aproveitado”. No âmbito social, ela cita a grande diversidade presente nesses espaços e, conseqüentemente, as inúmeras trocas que acabam ocorrendo: “eram muitas trocas, todo mundo se conhecia e se ajudava. Às vezes, uma solução de uma empresa podia ajudar outra, então eu sentia que o mercado também acaba girando e se transformando”.

O entrevistado D vai além na questão do impacto social e diz enxergar os *coworkings* como pontos de referência em ecossistemas sustentáveis, em uma visão que se assemelha muito com a de Capdevila (2013) quando ele descreve os *coworkings* como sendo espaços voltados para a sociedade, que possuem como objetivo o engajamento da comunidade local e a promoção de economia sustentável:

No aspecto social, os *coworkings* se transformam em pontos de referência de encontro de pessoas e de atividades da região. Esses empreendimentos influenciam no ecossistema em que estão inseridos. [...] Eu conheço uma unidade em Perdizes que tem um conjunto habitacional que praticamente os moradores estão do lado do *coworking* para conhecer o espaço; tem uma padaria próxima, tem um mercado do lado, então essa pessoa além de trabalhar no local ela consegue gerar um ecossistema financeiro sustentável.

Os entrevistados mencionam diversas vantagens que eles enxergam nos ambientes de *coworking*, e estas vantagens estão reunidas no gráfico da figura 2:

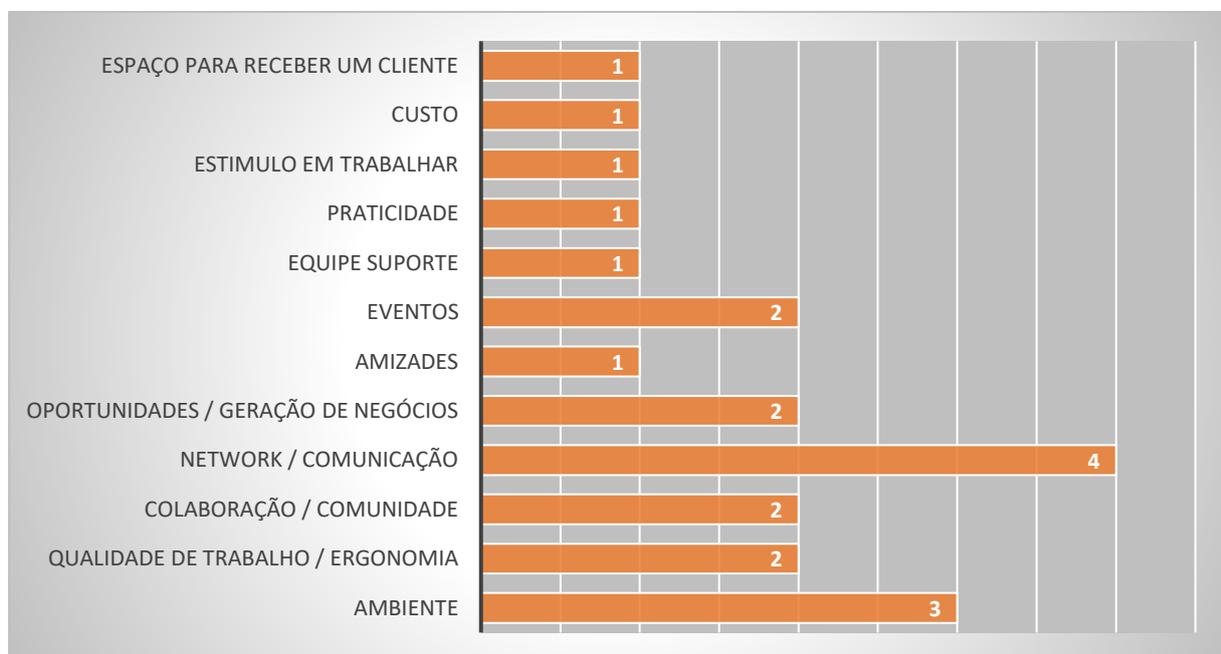


Figura 2: Gráfico com as Principais vantagens dos espaços de *coworking*  
 Fonte: Elaboração própria

O *network* e a ambientação, que são os aspectos mais citados em relação às principais diferenças entre os *coworkings* e os espaços tradicionais, também são os mais citados em relação às vantagens desse tipo de ambiente de trabalho, mostrando assim que tratam-se de diferenciais muito positivos.

Os eventos ofertados, as oportunidades geradas, a qualidade de trabalho e a colaboração entre os membros também são citados mais de uma vez pelos entrevistados, como sendo vantagens que o *coworking* apresenta. A entrevistada E comenta sobre a colaboração existente

em seu *coworking*: “se estou com dúvida quanto alguma coisa, eu converso com alguém, essas pessoas me ajudam, então eu acho que isso é muito, muito bacana. Principalmente essa questão do olhar de fora, pois geralmente são pessoas que não estão na mesma área que eu”. Já o entrevistado A se aprofunda sobre a qualidade de trabalho nesses ambientes, trazendo uma visão bastante interessante: “o principal, pelo que eu vivenciei, é uma qualidade melhor de trabalho. Uma percepção de que você não está trabalhando tanto, entende? Acho que por ele [o *coworking*] ser mais leve e tudo, ele te desgasta menos”

Os aspectos de custo e espaço para receber um cliente, considerados grandes vantagens na literatura, acabaram não sendo muito citados pelos entrevistados. Acredita-se que isso se deu, pois a maioria dos entrevistados não são afetados diretamente por esses dois aspectos, uma vez que são apenas funcionários de alguma empresa. O único entrevistado a citar a questão de custo como vantagem, é justamente o entrevistado F que, como dito anteriormente, é sócio em uma empresa de pequeno porte. Ele comenta o seguinte:

É muito conveniente [o *coworking*], porque você não precisa ter um espaço em si, pagar um aluguel e tal. Você paga pela diária ou até pelo período que você contratar, mas você não tem um contrato de comprometimento junto a alguém [...] então assim, o custo-benefício pelo espaço é muito interessante. [...] o *coworking* ele facilita, ele descomplica [...] por exemplo, se um dia acontecer uma pandemia ou qualquer outra coisa que inviabilize eu pagar o espaço, eu não tenho nada que me prenda a esse local.

Essa visão voltada para os custos, no sentido de uma menor preocupação com questões burocráticas envolvendo o espaço, de uma maior tranquilidade quanto aos riscos em se firmar um contrato de longo prazo, e do interesse em reter um capital para investir no próprio negócio, remete à visão de Capdevila (2013) quando ele cita os benefícios do *coworking* para as *startups*, mostrando, assim, que essa visão se estende também para pequenas empresas que trabalham com projetos e portanto não tem uma estabilidade financeira muito sólida.

Outro ponto interessante que se observa nas vantagens citadas pelos entrevistados, é a resposta da entrevistada C, que menciona o estímulo em trabalhar como uma das vantagens dos espaços de *coworking*: “depois que eu entrei [no *coworking*] me deu uma motivação assim como pessoa, porque eu via a galera querendo fazer as coisas [...] parecia que estava todo mundo

com injeção de vontade, de "vamos fazer!", então isso contagia, você via que contagiava as pessoas”.

Ainda sobre as vantagens, o entrevistado F faz questão de mudar o enfoque da comparação, que em sua maioria foi feita à ambientes tradicionais de trabalho, e trata de lembrar algumas vantagens do *coworking* frente ao *home office*: “no *home office* você não tem com quem falar, você depende 100% de estar na internet, então criam-se dependências como de ter uma estrutura que não vá parar, [...] a internet não pode cair, tem a questão do barulho também [...] nisso o *coworking* é muito melhor”. Esse relato se assemelha a comparação feita por Spinuzzi (2012) entre o trabalho realizado em *coworkings* e aquele realizado em casa ou em cafeterias.

Os entrevistados também abordam sobre as desvantagens presentes nesses espaços, e nota-se que estas desvantagens se assemelham, em muito, com aquelas citadas por Spinuzzi (2012) em sua obra. Porém, vale ressaltar, que tais desvantagens variam de pessoa para pessoa, uma vez que nenhuma desvantagem é citada mais que duas vezes pelos entrevistados, como pode ser visto no gráfico da Figura 3:

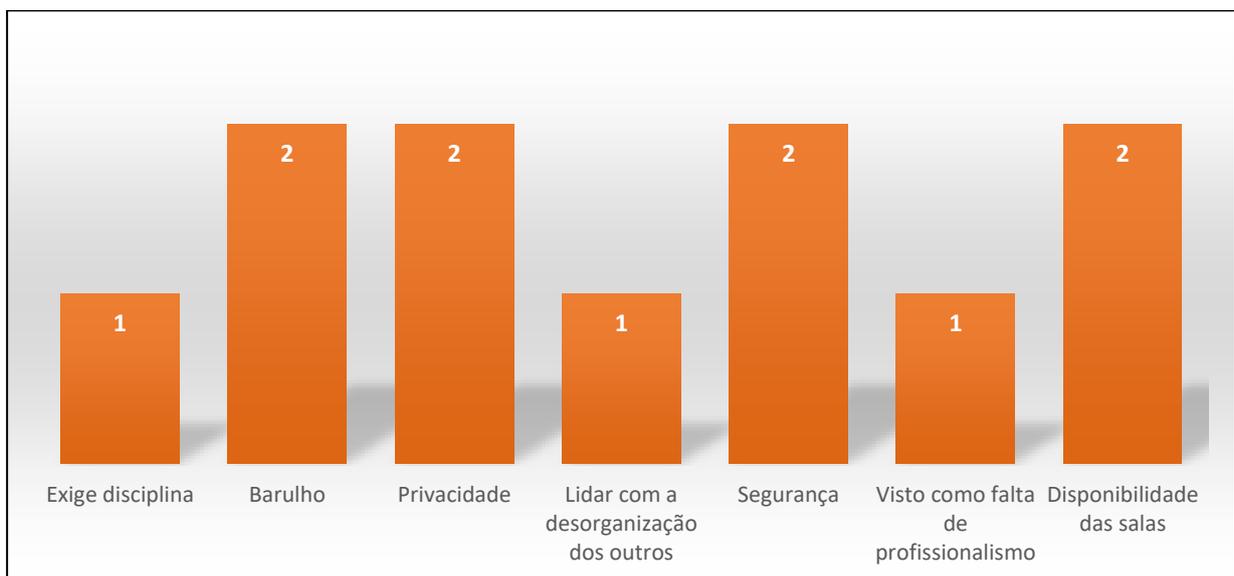


Figura 3: Gráfico com as principais desvantagens dos espaços de *coworking*  
Fonte: Elaboração própria

O barulho elevado, a falta de privacidade, a falta de segurança e a possível indisponibilidade das salas de reunião são as desvantagens mais lembradas pelos entrevistados.

Quanto ao barulho, a entrevistada B relata o seguinte: “por ser um espaço muito aberto e com muitas pessoas, acaba tendo esse ruído um pouco maior. [...] como era todo mundo muito

amigo e se conhecia, às vezes as conversas ultrapassavam um pouco mesmo”. O outro entrevistado a mencionar o barulho como desvantagem é o entrevistado F, porém este traz uma ressalva quanto à essa questão: ‘barulho é uma desvantagem dependendo da pessoa. É um espaço para todos, então você tem que manter uma certa conduta, porque pode atrapalhar o outro. Mas assim, é uma desvantagem que se você souber conversar, é facilmente contornável”.

A falta de segurança, referente a possíveis furtos, é uma desvantagem que vai contra a ideia de confiança que Maurer et al. (2015) coloca como sendo um pré-requisito para que a colaboração possa existir nesses ambientes. O entrevistado D comenta sobre a atenção que os *coworkers* devem ter com seus itens pessoais: “você tem que ter muito cuidado com as suas coisas, pois é passível de acontecer de você deixar seu computador na área comum, esquecer lá e alguém levar. É super possível de acontecer”, e a entrevistada C apresenta inclusive um caso de furto que presenciou enquanto trabalhava: “lá no *coworking* [C] teve um episódio de uma pessoa que entrou lá e roubou um monte de *notebooks* que estavam nas mesas”.

Por serem espaços muito abertos, os *coworkings* acabam sofrendo, de certa forma, com a questão da privacidade dos membros. “Eu sinto que a privacidade pode ser um problema, até porque, por exemplo, você pode passar atrás do computador de uma pessoa e ver no que ela está trabalhando. Então, acho que nisso acaba pecando um pouco” comenta a entrevistada B.

O compartilhamento do espaço, muitas vezes visto como algo positivo, pode acabar gerando uma certa desvantagem, que é a indisponibilidade de salas ou serviços, como explica o entrevistado F: “uma desvantagem que eu vejo no *coworking*, que é um espaço compartilhado, onde alguns ambientes você tem que agendar o uso antes, é que às vezes você vai ter o problema de não ter as coisas”.

Em um caso mais particular, o entrevistado A comenta sobre a disciplina ser um ponto de atenção dentro dos ambientes de *coworking*:

Para quem não é disciplinado e para quem não está acostumado a trabalhar com isso, faz falta um pouco as amarras do mundo corporativo, ou seja, o chefe estando ali do seu lado, ter um horário certo para cada coisa. [...] esse grau de liberdade [presente no *coworking*] é culturalmente bastante diferente do que a gente está acostumado, então se não tiver disciplina acaba atrapalhando um pouco.

Finalizando sobre as desvantagens, a entrevistada C menciona uma conversa que teve com um amigo *coworker* para falar sobre a visão de falta de profissionalismo que algumas pessoas ainda possuem em relação aos espaços de *coworking*: “às vezes o incomodava que ele ia levar um investidor sério em uma reunião e a galera do *coworking* estava na chopeira bebendo [...] ele via aquilo como negativo para reunião dele, pois parecia que estava todo mundo fazendo só isso”. Na sequência, ela faz questão de apresentar a sua própria visão sobre o assunto: “é um malefício, mas também só para quem é arcaico, que pensa de forma antiga. Eu particularmente não vejo problema nisso”.

A colaboração entre os membros é uma das características mais citadas na literatura envolvendo os espaços de *coworking*, e os entrevistados confirmam isso. Todos os seis relatam que a colaboração dentro desses ambientes é algo realmente forte e que ocorre de forma espontânea: “o *coworking* é muito bacana na questão de ajuda mesmo; hoje eu estava com dúvida sobre uma coisa, perguntei, e nossa... três pessoas me ajudaram. Então o sentimento de colaboração ele é bem grande” relata a entrevistada E. A entrevistada B cita a questão da amizade entre os membros como um facilitador para a colaboração: “são várias empresas diferentes, várias pessoas diferentes, com *backgrounds* diferentes, mas todo mundo é muito amigo, todo mundo se ajuda, então tem muita essa questão da colaboração mesmo [...] era todo mundo se ajudando, o tempo todo, o dia inteiro”.

Entretanto observa-se que a abrangência da colaboração varia de acordo com o tamanho do *coworking*. Nos *coworkings* de maior capacidade a colaboração é algo mais reservado a grupos fechados, enquanto nos de menor capacidade é algo que permeia pelos membros como um todo. Dessa forma, fazendo um paralelo com a visão de Spinuzzi (2012) sobre o nível de colaboração dentro dos *coworkings*, podemos classificar os *coworkings* B, E e F como espaços de trabalho federados, que são aqueles onde a colaboração e a cooperação são centrais; e os *coworkings* A, C e D como *unoffices*, que são aqueles nos quais a interação social é incentivada, porém não se tem a preocupação em se estabelecer uma comunidade.

Na mesma linha da colaboração, temos a interação social. Os seis entrevistados citam que a interação social entre os membros do *coworking* é muito maior do que ambientes tradicionais de trabalho. Isso se deve principalmente ao próprio ambiente que acaba por incentivar essa interação: “você entrava no *coworking*, você conseguia ver todo mundo ali trabalhando; cada um no seu computador, mas você tinha essa proximidade, não era uma coisa de cada um no seu quadrado. [...] todo mundo se conversava bastante [...] a galera era super

amiga mesmo” comenta a entrevistada B. Esse contexto de inúmeras trocas, tanto profissionais, quanto pessoais, vai de encontro com a visão de Lumley (2014) sobre a interação social presente nos *coworkings*.

Apesar de reunirem pessoas de diferentes ramos de atuação e de diferentes empresas, os *coworkings* não apresentam tantos conflitos entre os membros: “as pessoas sentavam para conversar sobre a vaga do outro, sobre o emprego do outro, do tipo ‘estou fazendo tal coisa, vamos fazer também?’. Era tudo muito compartilhado, eu não via competição entre a galera” relata a entrevistada C. Isso tudo acaba por trazer um forte espírito de comunidade para dentro desses espaços; a entrevistada E comenta diversas vezes durante a entrevista sobre esse sentimento de comunidade que existe dentro do *coworking* E:

Realmente existe uma comunidade aqui [no *coworking*]. As pessoas se auto gerenciam, então assim, acontece muito de o pessoal fazer negócios, mas também de fazer *happy hours* juntos, onde a gente conversa sobre tudo, onde saem projetos novos, é muito gostoso. Acho que tem essa diferença de não ser algo tão sério, tão formal [...] os assuntos que surgem entre a galera, eles são mais fluidos.

Essa ideia de comunidade e de uma comunicação fluida e natural, se assemelha muito com a visão de Moriset (2013) quando ele menciona que as vantagens do *coworking* vão além do espaço físico, tendo na interação social e no sentimento de comunidade um grande atrativo para os trabalhadores.

Os entrevistados C e F, porém, fazem a ressalva de que nem todos os membros do *coworking* estão abertos a essa interação, e que portanto é algo que vai de cada um: “acredito sim que [o *coworking*] proporcione um maior compartilhamento [entre os membros] [...] claro que isso vai de uma forma individual de pessoa para pessoa [...]. Tem vezes que a pessoa não quer criar laços, ela não quer conversar; aquilo lá [o *coworking*] é apenas um espaço” comenta o entrevistado F.

Considerada a principal vantagem dos espaços de *coworking*, o *networking* é outra característica confirmada durante as entrevistas. Todos os entrevistados relatam terem aumentado a sua rede de contato durante o período trabalhando em ambientes compartilhados. Nota-se que esse maior *networking* é decorrência de dois principais fatores: a vasta diversidade de conhecimentos reunidos nesses ambientes, e a alta interação social entre os membros.

Capdevila (2015) já havia chamado a atenção para a interação social como sendo um facilitador do *networking*, quando ele cita as questões de proximidade e de abertura.

“A questão do *networking* acontece dada a promoção de comunidade mesmo; são pessoas de várias áreas diferentes ali presentes [no *coworking*]” diz a entrevistada E. “Quando você entra em um *coworking*, você consegue conversar com outras pessoas, com outras empresas, então realmente cresce essa possibilidade de criar uma rede de contatos” observa o entrevistado A.

Tal *networking* é ainda maior e mais importante para os trabalhadores autônomos, como já foi o caso do entrevistado F. Ele é enfático em comentar sobre o *networking* que ocorre nesses espaços: “a minha rede de contatos, sem dúvida, foi expandida graças a *coworkings*, sem dúvida alguma”.

Quanto aos resultados profissionais obtidos em ambientes de *coworking*, as informações coletadas não são conclusivas, pois boa parte dos entrevistados dizem que um resultado melhor ou pior iria depender de qual trabalho está sendo executado e também de cada trabalhador. Em geral, trabalhos operacionais e trabalhos confidenciais são citados como não sendo muito indicados para ambientes de *coworking*: “eu não aconselharia um *coworking* para trabalhar com questões confidenciais, ou assuntos delicados assim, muito por conta da questão da proximidade [...] sinto que não é o melhor ambiente para isso” comenta a entrevistada B.

Por outro lado, quando se trata de projetos, acredita-se que o potencial de resultados obtidos em *coworkings* é muito maior. O relato do entrevistado A, que como dito anteriormente participou de um projeto durante seu tempo trabalhando em *coworking*, confirma essa crença: “acho que depende muito de qual a função que você exerce [...] se o seu trabalho envolver ter ideias novas, algo mais criativo assim, acho que o *coworking* acaba ajudando, porque você consegue modificar o ambiente de forma a te ajudar a fomentar novas ideias”.

Ainda sobre resultados profissionais, o entrevistado F novamente leva a comparação para o lado do trabalho realizado em casa; ele acredita que seu rendimento é maior no modelo *home office*, porém faz a ressalva de que não pode abrir mão das outras vantagens que o *coworking* traz.

Por fim, os entrevistados citam também os serviços que mais utilizavam durante o período trabalhando em *coworking*. O uso das salas de reunião é o mais citado, seguido dos

serviços de impressão e papelaria. O gráfico da figura 4 apresenta as respostas dos entrevistados quanto a esse tópico:



Figura 4: Gráfico com os principais serviços utilizados nos espaços de *coworking*  
Fonte: Elaboração própria

Em qualquer equipe de trabalho, as reuniões de alinhamento e de tomada de decisão se tornam fundamentais dentro de uma certa frequência; ter um espaço que proporcione privacidade e conforto para essas reuniões é igualmente importante. Por isso, não é surpresa as salas de reunião serem o serviço mais utilizado pelos *coworkers*: “nós usávamos tudo na verdade, mas principalmente as salas de reunião. Eu via que o que o pessoal mais utiliza e mais prezava, eram as salas de reunião mesmo” diz a entrevistada B. Aliás, essa alta demanda pelas salas de reunião se comprova ao lembrar que a possível indisponibilidade das salas é uma das desvantagens mais citadas pelos entrevistados.

A maioria dos *coworkings* são equipados com impressoras modernas justamente para ofertar o serviço de impressão para os seus membros. Diversos trabalhos necessitam da impressão de documentos e torna-se muito conveniente ter esse serviço no próprio espaço de trabalho. O entrevistado A relata fazer uso da impressora e traz também uma comparação quanto a forma de utilização desse serviço em *coworkings* e em ambientes tradicionais: “[no *coworking*] você tinha um crédito para impressão, então você não podia avacalhar. Geralmente nas empresas não se tem muito controle sobre isso. Lá era muito mais controlado, então você acaba não fazendo muitas impressões desnecessárias”. Esse ponto pode ser considerado então uma vantagem ambiental dos *coworkings*.

Os serviços de recepção também são bastante utilizados nos espaços de *coworking*. O entrevistado F, por trabalhar como gestor de projetos, costuma receber clientes no *coworking* F e elogia tal serviço: “a pessoa responsável por organizar o espaço, também é responsável por receber os pacotes, por receber as pessoas, apresentar o ambiente [...]. Se caso ainda estou em algum atendimento, ela recebe o cliente para mim na porta, então isso é algo que eu uso bastante”.

A entrevistada C expõe algo muito interessante em sua entrevista, que é a presença de serviços terceirizados dentro do *coworking* C. Segundo ela, manicures, massagistas, tatuadoras, entre outros trabalhadores, podem utilizar o espaço do *coworking* para realizarem seus serviços. Isso ocorre através de uma troca, que ela descreve assim:

Era uma troca. O *coworking* oferecia um espaço e um público interessado, então a manicure, ou a massagista, iam lá em algum dia da semana prestar os seus serviços, e para os membros ficava essa impressão de que o *coworking* estava oferecendo um serviço extra, mas na verdade eles não estavam pagando, eles só faziam agenda dessas trabalhadoras.

No quadro 2, abaixo, estão relacionadas as respostas dos seis *coworkers* para cada pergunta da entrevista:

Quadro 2: Respostas dos entrevistados.

	A	B	C	D	E	F
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>						
1	26	24	26	23	26	26
2	Cisgênero	Cisgênero	Cisgênero	Cisgênero	Cisgênero	Cisgênero
3	Heterossexual	Heterossexual	Bissexual	Bissexual	Heterossexual	Heterossexual
4	Analista de Marketing	Estagiária em Comunicação	Analista em Marketing e Mídias Sociais	Gerência de Comunidades	Gerência de Comunidades	Gestor de projetos
5	Superior Completo	Superior Completo	Superior Incompleto	Superior Incompleto	Superior Incompleto	Superior Completo
<b>PERFIL</b>						
1.1 e 1.2	36 meses no mercado de trabalho e 6 meses em <i>coworking</i> (17%)	48 meses no mercado de trabalho e 12 meses em <i>coworking</i> (25%)	108 meses no mercado de trabalho e 30 meses em <i>coworking</i> (28%)	16 meses no mercado de trabalho e 16 meses em <i>coworking</i> (100%)	36 meses no mercado de trabalho e 18 meses em <i>coworking</i> (50%)	60 meses no mercado de trabalho e 30 meses em <i>coworking</i> (50%)
1.3	Ambiente	Colaboração; Comunicação	Autonomia; Eventos; Networking	Ambiente; Eventos	Ambiente; Networking	Custo; Networking; Ambiente
2	Dia a dia do projeto. Arrumava a sala como queria	Costuma trabalhar do mesmo posto todos os dias. Utiliza principalmente o notebook	Possui uma sala da equipe, porém pode trabalhar de qualquer área comum do prédio	Sem local fixo de trabalho. Utiliza principalmente celular e notebook.	Costuma trabalhar do mesmo posto todos os dias. Utiliza principalmente o notebook	Possui uma mesa da equipe, porém pode trabalhar de qualquer área comum do espaço
3	O projeto em si.	Um experimento social realizado no <i>coworking</i> que acabou gerando um caos	Ver gestores concorrentes tomando cerveja juntos	Um evento realizado no <i>coworking</i> que reuniu diversos famosos	Criação de site; Eventos	(Não respondeu)
<b>MOTIVAÇÃO</b>						
1	Alocação feita pela empresa	O ambiente inovador	Contratada por em uma empresa que já utilizava o <i>coworking</i>	Contratado por em uma empresa que já utilizava o <i>coworking</i>	O ambiente bonito e ergonômico	Contratado por em uma empresa que já utilizava o <i>coworking</i> (Menor Custo)
2	Sim, porém não é a realidade agora	Sim	Sim, porém não é a realidade agora	Sim	Não	Não
3	Ambiente; Qualidade de trabalho	Colaboração; Comunicação; Ambiente	Oportunidades; Networking; Estimulo em trabalhar; Eventos	Geração de negócios; Networking; Ambiente; Equipe de suporte	Comunidade; Ergonomia; Praticidade; Eventos	Menor custo; Espaço para receber um cliente; Networking
4	Exige disciplina	Baixa privacidade; Barulho; Lidar com a organização dos demais	Falta de segurança; Visto como falta de profissionalismo	Baixa privacidade; Falta de segurança; Sujeito a disponibilidade das salas de reunião	Sem desvantagens	Sujeito a disponibilidade das salas de reunião; Barulho

NÍVEL DE COLABORAÇÃO						
1.1	Alta	Alta	Em diferentes níveis dentro do coworking	Alta	Alta	Alta, porém nem todos se envolvem
1.2	Alta	Alta	Alta	Alta, porém a interação ocorre em "grupinhos"	Alta (comunidade)	Alta
2.1	Existe a possibilidade, porém não usufrui muito disso	Sim	Sim	Sim, porém tem que ir atrás	Sim	Sim
2.2	Depende do trabalho: projetos tem seus resultados potencializados	Depende do trabalho: não recomenda para trabalhos confidenciais	Aumenta	Depende do trabalho	Aumenta	Diminui em comparação com o home office, porém trás outros benefícios
AMBIENTE / ESTRUTURA FÍSICA						
1	500 pessoas	200 pessoas	2.000 pessoas	900 pessoas	60 pessoas	30 pessoas
2	14 salas	10 salas	24 salas	12 salas	3 salas	2 salas
3	Boa	Boa	Ótima	Boa	Ótima	Boa
4	Copa; Aréa comum (lazer e/ou descanso); Cabine telefônica; Choqueira	Copa; Aréa comum (lazer e/ou descanso); Cabine telefônica; Auditório	Copa; Aréa comum (lazer e/ou descanso); Cabine telefônica; Sala de aula; Aréa para churrasco; Choqueira	Copa; Aréa comum (lazer e/ou descanso); Cabine telefônica; Choqueira; Rede; Espaço Karaoke	Copa; Aréa comum (lazer e/ou descanso); Cabine telefônica; Mesas compartilhadas	Copa; Aréa comum (lazer e/ou descanso)
5	Sala de Reunião; Serviço de impressão	Sala de Reunião	A ergonomia do espaço; Sala de Reunião; Serviços terceirizados	Serviço de Recepção (encomendas); Serviço de papelaria; Estacionamento; Sala de Reunião	A ergonomia do espaço; Internet rápida	Serviço de Recepção (clientes e encomendas); Serviço de impressão

Fonte: Elaboração própria

## 5. Conclusão

Os *coworkings* vêm ganhando espaço dentro do cenário paulistano, porém é claro que ainda existe muito espaço para crescimento considerando que São Paulo é o principal polo

financeiro da América Latina. Esses ambientes compartilhados de trabalho vem ganhando adeptos em diversos públicos, inclusive entre os mais jovens, que estão entrando agora no mercado de trabalho, e conseqüentemente ainda não possuem um modelo pré-estabelecido de como deveria ser um ambiente ideal de trabalho.

Os ambientes de *coworking* são caracterizados por serem abertos, convidativos e com um design inovador. Essas características somadas a uma grande possibilidade de *networking* e uma forte interação social, acabam por atrair muitos trabalhadores que buscam um espaço de trabalho prazeroso, moderno, diverso e que possibilite crescimento profissional e pessoal. Aliás, a interação social é algo tão presente nos *coworkings* que resulta, muitas vezes, na formação de comunidades ali dentro.

O compartilhamento de espaço, de serviços e de recursos faz com que o custo para se trabalhar em um *coworking* seja mais baixo, tornando-se assim um diferencial para trabalhadores autônomos, *startups* e pequenas empresas, que preferem investir o pouco capital que possuem no próprio empreendimento, ao invés de gastá-lo com o aluguel de um espaço exclusivo. Nesse sentido, os *coworkings* ainda trazem outro benefício que é a simplificação das questões burocráticas envolvendo o espaço, pois não se tem um contrato que te prenda a determinado local. Essa questão em tempos de pandemia, passa a ser ainda mais positiva para esses grupos.

Ademais, a pandemia de COVID-19 força uma mudança brusca no jeito de se trabalhar. O trabalho remoto se torna comum para inúmeros trabalhadores que dispõem do privilégio de ter as condições necessárias para desenvolver suas atividades em casa. Com isso, diversos preconceitos estão sendo quebrados e os *coworkings* passam a possivelmente figurar como um meio termo interessante de organização de trabalho no cenário pós-pandemia, considerando que esses espaços proporcionam vantagens frente ao *home office*, como uma maior interação social e um ambiente mais estruturado em questão de espaço e de serviços, e não representam uma efetiva volta para os ambientes tradicionais cheios de burocracia e de formalidade.

Antes da pandemia, já era possível notar o crescimento no número de *coworkings* pela cidade. Começaram a surgir inclusive ramificações desse tipo de empreendimento, como por exemplo, empresas que passaram a incluir em seu layout espaços que buscavam imitar a ambientação dos *coworkings*, e até condomínios que passaram a colocar espaços de trabalho compartilhados em seus projetos, a fim de alinhar conforto e estrutura para seus residentes.

Com esses dois contextos somados, acredita-se que a ideia de *coworking* fique cada vez mais conhecida pela população, fazendo com que sua procura tenha um crescimento exponencial. Uma vez que isso aconteça, torna-se possível a descentralização dos espaços de *coworking*, ou seja, eles deixariam de estar concentrados somente nas zonas financeiras da cidade e se espalhariam pelas zonas mais periféricas.

Ao incorporarem também essas regiões, os *coworkings* trariam mudanças significativas para uma capital financeira como São Paulo, podendo inclusive gerar uma ruptura em toda a lógica econômica e estrutural, atual, da cidade. Se tornaria possível a criação de ecossistemas sustentáveis ao longo de toda São Paulo, e assim, os *coworkings* estariam finalmente atingindo de forma plena os seus objetivos de impacto social e ambiental.

## Referências

- BAUMAN, Z. **Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro, Zahar, jun 2004.
- BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo moderno.** Rio de Janeiro, Zahar, jun 2011.
- CAPDEVILA, I. **Typologies of Localized Spaces of Collaborative Innovation.** SSRN Eletronic Journal, p. 1-22, jun 2013.
- CAPDEVILA, I. **Different Inter-Organizational Collaboration Approaches in Coworking Spaces in Barcelona.** SSRN Eletronic Journal, Paris, p. 1-38, set 2014.
- CAPDEVILA, I. **Co-working spaces and the localised dynamics of innovation in Barcelona.** International Journal of Innovation Management, v. 19, n. 03, p. 1 -27, 2015.
- CASTELLS, M. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura.** Paz e Terra, São Paulo, v. 1 - O Poder da Identidade, 1999.
- COMAZZETTO, R. et al. **A Geração Y no Mercado de Trabalho: um Estudo Comparativo entre Gerações.** Psicologia Ciência e Profissão, Brasília, v. 36, n. 1, p. 145-157, mar 2016.
- COUTINHO, L. **A terceira revolução industrial e tecnológica. As grandes tendências das mudanças.** Economia e Sociedade, Campinas, v.1, n.1, p. 69-87, 2016.
- COWORKING BRASIL. **Censo Coworking Brasil 2018.** Disponível em: <<https://coworkingbrasil.org/censo/2018/>>. Acesso em 03 jul. 2018
- DEJOURS, C. **Subjetividade, trabalho e ação.** Revista Produção, v. 14, n. 3, p. 27-34, set./dez. 2004.
- ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** Boitempo Editorial, São Paulo, v. 1, n.1, p. 45 – 135, 2008.
- FERREIRA, M. C. **O Sujeito Forja o Ambiente, o Ambiente "Forja" o Sujeito: Inter-relação Indivíduo-Ambiente em Ergonomia da Atividade.** Laboratório de Ergonomia, Universidade de Brasília, 2002.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6º ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LUMLEY, R. M. **A coworking project in the campus library: supporting and modeling entrepreneurial activity in the academic library.** New Review of Academic Librarianship, v. 20, n. 1, p. 49-65, fev 2014.

MAURER, A. M.; FIGUEIRÓ, P. S.; CAMPOS, S. A. P.; SILVA, V. S.; BARCELLOS, M. D. Yes, we also can! O desenvolvimento de iniciativas de consumo colaborativo no Brasil. **BASE - Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS**, v. 12, n. 1, p. 68-80, mar 2015.

MEDINA, P. F.; KRAWULSKI, E. **Coworking como modalidade e espaço de trabalho: uma análise bibliométrica**. Cadernos de psicologia social do trabalho, São Paulo, v. 18, n. 2, 2015.

MORISSET, B. **Building new places of the creative economy. The rise of coworking spaces**. 2nd Geography of Innovation International Conference 2014, p. 1-19, dez 2013.

NAKAO, B.; MUSSI, C. C. Uma Nova Configuração Do Trabalho: Análise interpretativa da literatura de coworking. **Revista Contemporânea de Economia e Gestão**. v. 16, n. 2, p. 1-85, mai/ago 2018.

SIQUEIRA, M. V. S.; DIAS, C. A.; MEDEIROS, B. N. Solidão e trabalho na contemporaneidade: as múltiplas perspectivas de análise. **Revista de administração Mackenzie**, São Paulo, v. 20, n. 2, mai 2019.

SOARES, J. M. M.; SALTORATO, P. **Coworking, uma forma de organização de trabalho: conceitos e práticas na cidade de São Paulo**. AtoZ: Novas práticas em informação e conhecimento, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 61-73, 2015.

SPINUZZI, C. **Working alone together: coworking as emergent collaborative activity**. Journal of Business and Technical Communication, v. 26, n. 4, p. 399-441, out 2012.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookmam, 2001.

## Apêndices

### A - Roteiro de Entrevista:

#### ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM COWORKERS NA CIDADE DE SÃO PAULO

##### Identificação

- Idade:
- Identidade de Gênero: (Cis, Trans...)
- Orientação Afetivo-sexual: (Bi, Hétero, Homo...)
- Profissão/área de trabalho:
- Grau de escolaridade:

##### Perfil

- Há quanto tempo você está no mercado de trabalho? Quanto desse período foi dentro de espaços de *coworking*? Poderia citar as principais diferenças entre esses ambientes?
- Descreva como é a sua dinâmica de trabalho dentro desse espaço?
- Existe alguma história ou projeto que te marcou durante esse período trabalhando como *coworker*?

##### Motivação

- Quais foram as principais características que te levaram a optar por esse tipo de ambiente de trabalho?
- O número de *coworkings* no país vem crescendo. Você acredita que esse crescimento possa trazer impactos positivos em questões sociais e ambientais?
- Quais vantagens de se trabalhar em ambientes de *coworking* você destacaria? (o que você mais gosta)
- Você visualiza desvantagens ou limitações presentes nesses ambientes? (o que você menos gosta)

##### Nível de colaboração

- Como você avalia a colaboração e a interação social entre os membros do *coworking* em que trabalha/trabalhou?
- Você acredita que neste ambiente você amplia sua rede de contato e aumenta os seus resultados profissionais?

##### Ambiente/estrutura física

- Qual é a capacidade do *coworking* em que trabalha/trabalhou?
- Quantas salas de reunião o *coworking* possui?
- Como você avalia a internet nesse ambiente?
- Quais são os ambientes que o seu *coworking* possui?
- Que características do ambiente te auxiliam na execução de suas tarefas?